

Estudo de validação da versão portuguesa do Questionário de Expressividade Familiar – QEF

Alexandra Dinis¹, José Pinto Gouveia² & Ana Xavier³

O Questionário de Expressividade Familiar (*Family Expressiveness Questionnaire* – FEQ; Halberstadt, 1986) destina-se a avaliar o ambiente expressivo geral da família e inclui itens que estão relacionados com a expressividade não-verbal e o conteúdo da expressão emocional. O presente estudo examina as propriedades psicométricas da versão portuguesa numa ampla amostra da população geral. A validade de constructo foi examinada com recurso a procedimentos da Análise em Componentes Principais, cujos resultados suportaram uma estrutura de dois factores. Os resultados mostram que a escala possui uma boa consistência interna e estabilidade temporal. A validade de constructo foi estudada através da análise das correlações com medidas de psicopatologia (particularmente ansiedade, depressão e *stress*, e o afecto negativo e o afecto positivo), bem como medidas de contexto familiar (especificamente, ligação parental e experiências de cuidado e negligência parental). O QEF é um instrumento fiável e válido para medir a expressividade familiar na população portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: FEQ; Expressividade Familiar; Medidas de Psicopatologia; Medidas de Contexto Familiar; Validação; Propriedades Psicométricas.

1. Introdução

Nos últimos trinta anos temos assistido a um acumular de evidências que demonstram que as experiências precoces de vida, sobretudo as que se referem à qualidade da relação entre a criança e os seus pais, podem funcionar como

1 Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Portugal. Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do Doutoramento da primeira autora, com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/36211/2007) - alexandra.m.b.dinis@gmail.com

2 Professor Catedrático da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e Coordenador do Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental.

3 Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Portugal.

factores de vulnerabilidade para o desenvolvimento de psicopatologia na idade adulta (e.g. Bifulco & Moran, 1998; Rutter et al., 1997).

Recentemente, a investigação tem vindo a enfatizar os mecanismos de socialização emocional, dos quais fazem parte as práticas e estilos parentais e a expressão emocional familiar, que no seu conjunto, influenciam a aprendizagem da criança relativamente à experiência, significado, expressão e regulação das emoções (Eisenberg et al., 2001a). No mesmo sentido que a vinculação, os processos de socialização das emoções também moldam o comportamento interpessoal e podem constituir-se como factores de vulnerabilidade para o desenvolvimento posterior de psicopatologia (e.g., Collins, Maccoby, Steinberg, Heatherington, & Bronstein, 2000).

Durante o processo de socialização emocional, as crianças são influenciadas bidireccionalmente, através de vários factores: o temperamento da criança, a observação e o modelamento dos comportamentos emocionais dos pais, as crenças parentais acerca das emoções, o clima de expressividade emocional existente na sua família, assim como as interações que as crianças estabelecem com os pais e com os outros membros da família verbalmente e não verbalmente (e.g., Halberstadt, 1986; Halberstadt, Crisp, & Eaton, 1999).

Neste estudo focamo-nos no papel da expressividade emocional na família, um dos principais mecanismos pelo qual ocorre o processo de socialização das emoções (Eisenberg, Spinrad, & Cumberland, 1998b), e apresentamos a validação da versão portuguesa do *Family Expressiveness Questionnaire* (Halberstadt, 1986), dado que, do nosso conhecimento, este é o único instrumento disponível na literatura, que foi elaborado exclusivamente para avaliar este constructo.

Expressividade emocional da família

Como referimos, um dos mecanismos pelos quais o processo de socialização das emoções ocorre, é através da expressividade emocional da família, que se refere ao padrão ou estilo persistente e predominante com que são exibidas as expressões emocionais verbais e não verbais no contexto familiar (Halberstadt, Cassidy, Stifter, Parke, & Fox, 1995). Embora os membros da família nem sempre partilhem o mesmo estilo de expressão emocional, a expressividade familiar, exemplifica o ambiente expressivo no geral, ou seja, o padrão predominante de expressão das emoções nessa família em particular (Halberstadt, 1986; Halberstadt et al., 1999). A expressão parental das emoções na presença das crianças, mesmo que não dirigidas directamente a elas, reflecte com grande probabilidade uma via indirecta de socialização parental das emoções, através da qual a criança aprende observando os seus pais (Eisenberg et al., 2001a).

A expressividade emocional na família tem sido associada ao desenvolvimento emocional e social da criança, ao influenciar o modo como a própria criança expressa as suas emoções (Halberstadt, Fox, & Jones, 1993) e as suas capacidades de regulação emocional (Denham, 1998; Denham & Grout, 1992; Eisenberg et al., 2001b; Garner, 1995). A expressividade emocional familiar influencia também a criança a outros níveis, ao contribuir para a formação de crenças associadas às próprias emoções e acerca do modo como apropriadamente se deve lidar com as mesmas (Dunsmore & Halberstadt, 1997), os padrões de vinculação que estabelece (Bell, 1998) e o seu ajustamento psicológico (Bronstein, Fitzgerald, Briones, Pieniadz, & D' Ari, 1993).

Influência da expressividade emocional familiar no desenvolvimento emocional e social

Vários estudos comprovam a existência de uma relação entre a expressividade emocional da família e o resultante estilo de expressão das emoções que o indivíduo (criado no seu seio) desenvolve (e.g., Halberstadt, 1983, 1986; Burrowes & Halberstadt, 1987). Este processo pode ocorrer directamente, através da imitação e/ou contágio da expressividade emocional (Eisenberg, Cumberland, & Spinrad, 1998a; Halberstadt, 1991), mas também indirectamente, através de outros factores parentais, tais como as crenças e atitudes que os pais têm acerca das emoções, que por conseguinte, podem modelar a expressão das emoções por parte da criança (através do encorajamento ou desencorajamento da expressão emocional) (Katz, Wilson, & Gottman, 1999). Ou seja, os pais que valorizam a expressão emocional, e como tal, são emocionalmente mais expressivos, vão encorajar mais os seus filhos a expressarem as suas emoções, não se podendo negar neste contexto, o papel da hereditariedade de uma emocionalidade elevada (Eisenberg et al., 1998a; Halberstadt, 1991; Halberstadt et al., 1993; Halberstadt et al., 1999; Valiente et al., 2004).

Mas a expressão das emoções por parte dos pais (e de um modo geral, dos membros da sua família) contribui igualmente, através da observação e por modelamento da criança, para o desenvolvimento das suas capacidades de reconhecer e compreender as emoções (Cassidy, Parke, Butkovsky, & Braungart, 1992; Cummings & Davies, 1994; Dunsmore & Halberstadt, 1997; Eisenberg et al., 1998a). Isto porque, para se integrar no seu ambiente familiar, a criança tem que não só aprender a enviar sinais sociais eficazes, como tem que compreender aquilo que os outros sentem e pensam, ou seja, reconhecer os sinais produzidos pelos outros, desenvolvendo deste modo competências de comunicação verbais e não-verbais (Halberstadt, 1983). Uma dessas competências, é a aprendizagem de modos de expressão emocional, através dos quais a criança vai comunicar aos outros verbalmente (e.g. tom de voz, volume do discurso) ou de modo não-verbal as suas emoções (e.g., linguagem corporal,

expressões faciais e comportamento) (Halberstadt, 1983, 1986). Os estudos desenvolvidos por Halberstadt (1983) demonstram que os indivíduos que tenham sido punidos por “agentes de socialização”, pelo facto de manifestarem abertamente as suas emoções, aprendem no futuro a inibir a sua expressão emocional, diminuindo assim a sua comunicação emocional através de pistas não-verbais. Além disso, estes indivíduos tendem a tornar-se sensíveis aos sinais emocionais dos outros, sobretudo aos não-verbais. Halberstadt (1984, 1986) refere que os indivíduos que provêm de famílias pouco expressivas tornam-se observadores “perspicazes” quanto ao afecto negativo expresso pelos outros, possivelmente porque necessitam de desenvolver a capacidade de identificar as pistas não verbais de expressão emocional de modo a conseguirem “sobreviver” no seio de uma família pouco expressiva.

A frequência, intensidade e duração da expressão parental das emoções (positivas e negativas) influencia igualmente a criança quanto ao desenvolvimento de crenças e expectativas de normalidade relativas à expressão de emoções positivas e negativas (Dunsmore & Halberstadt, 1997). Assim, enquanto que os pais mais expressivos, possivelmente são os que mais contribuem para o desenvolvimento de crenças de que as emoções são importantes, aceitáveis e mesmo valorizadas na sua família e cultura (Halberstadt et al., 1999), pais que inibam a expressão das suas emoções poderão, implicitamente, influenciar a criança a utilizar métodos de supressão emocional para regular as suas emoções (Dunsmore & Halberstadt, 1997). Halberstadt e colaboradores (1999) demonstraram a existência de uma associação positiva, entre a expressividade negativa parental/ familiar e a expressão aberta de emoções negativas por parte da criança, que não só aumentava com a idade da criança, como também se tornava mais consistente ao longo do tempo, possivelmente devido à exposição repetida a um ambiente de elevada expressividade emocional negativa. Halberstadt (1986) demonstrou igualmente que uma criança que vive num ambiente familiar onde o afecto negativo persistente é abertamente expresso pode desenvolver um modelo interno de emoção negativa diferente do desenvolvido por uma criança, cujos pais suprimem a expressão de afecto negativo.

Também Garner e Power (1996) demonstraram que a expressividade de emoções positivas por parte dos pais, na interacção com as suas crianças, estava associada à habilidade que estas manifestavam para esconder emoções negativas quando recebiam uma prenda decepcionante, demonstrando que um ambiente familiar pautado por uma elevada expressividade positiva, contribui para a aprendizagem de quando se deve expressar e de quando se deve inibir emoções negativas de acordo com o contexto. Ou seja, os pais, através da sua própria expressão emocional, ensinam às suas crianças se e quando é aceitável experienciar as emoções e providenciam-lhe oportunidades de aprendizagem para que elas aprendam a identificar e a compreender as emoções expressas pelos outros (e.g. Eisenberg et al., 1998a; Halberstadt et al., 1999).

As crianças estarão igualmente mais aptas, para processar as mensagens parentais, e controlar as suas emoções e comportamentos, quando os pais são suportivos e expressam emoções positivas, do que quando os pais expressam emoções negativas como raiva e hostilidade (Dix, 1991). Halberstadt e colaboradores (1999) hipotetizaram que as crianças expostas a uma expressividade positiva observam os seus pais a lidar com o *stress* de um modo positivo, contribuindo deste modo para o desenvolvimento das suas capacidades de regulação emocional e de compreensão das emoções dos outros. Alguns estudos confirmam esta hipótese como o de Garner (1995) que demonstrou que os comportamentos de auto-tranquilização nas crianças pequenas estavam positivamente associados ao relato de expressão de emoções positivas por parte das mães, e inversamente associados à sua expressão de emoções negativas. Também um outro estudo com crianças mais velhas demonstrou que a aceitação e o suporte maternal estavam associados a um *coping* eficaz (e.g., Hardy, Power, & Jaedicke, 1993). A literatura tem igualmente demonstrado que quando os pais são capazes de reconhecer as emoções negativas das crianças e lhes ensinam competências para tolerar e regular essas emoções, as crianças desenvolvem estratégias de *coping* mais adaptativas e melhores competências de regulação emocional (Eisenberg, Fabes, & Murphy, 1996; Gottman, Katz, & Hooven, 1996).

No sentido oposto, Halberstadt e colaboradores (1999) hipotetizaram que um ambiente marcado pela expressão parental de emoções negativas, sobretudo quando esta é exercida de forma dominante, aumentava a vivência de emoções negativas e a dificuldade em regulá-las. E apesar de na literatura encontrarmos resultados menos consistentes relativamente a esta associação, Eisenberg e colaboradores (2001b), Ramsden e Hubbard (2002) demonstraram nos estudos que conduziram, que elevados níveis de expressão emocional negativa na família, sobretudo quando associados a um baixo nível de aceitação maternal, estavam associados a uma menor capacidade das crianças em regular as suas emoções. No mesmo sentido, quando as respostas emocionais parentais se pautam pela minimização, punição e ausência de suporte, ou quando os pais comunicam à criança que as suas emoções negativas não são aceitáveis, as crianças tendem a desenvolver estratégias de *coping* evitantes, bem como são incapazes de adequadamente regular as suas emoções (Eisenberg & Fabes, 1994; Eisenberg et al., 1996; Jones, Eisenberg, Fabes, & MacKinnon, 2002). Será por isto, que os pais que apresentam níveis elevados de expressão de emoções positivas e que são calorosos (e que simultaneamente apresentam baixos níveis de expressão de emoções negativas, como desaprovação e hostilidade, dirigidos à sua criança) tendem a ter crianças socialmente competentes e ajustadas (e.g. Lindahl, 1998; Scaramella, Conger, & Simons, 1999).

De um modo geral, a expressividade parental e familiar, especialmente a positiva, tem sido associada a índices mais elevados de competência social, compreensão

emocional, emocionalidade positiva, comportamento pró-social e auto-estima (e.g. Cassidy et al., 1992; Halberstadt et al., 1999). Já a expressividade parental negativa ou a hostilidade directamente dirigidas para a criança têm sido negativamente associadas à sua competência sócio-emocional e positivamente associadas a problemas de ajustamento (e.g., Denham, 1989; Messer & Gross, 1995), como por exemplo interacções com os pares marcadas pela agressividade (e.g., Boyum & Parke, 1995).

Expressividade Emocional Familiar e Psicopatologia no Adulto

São escassos os estudos que exploraram a relação entre as recordações da expressividade emocional familiar durante a infância e a adolescência e a psicopatologia apresentada na idade adulta. Contudo, a expressividade familiar tem sido associada ao nível de expressividade do próprio indivíduo (Halberstadt et al., 1995) e às suas características de personalidade na idade adulta (Halberstadt, 1991). Um estudo realizado por Halberstadt (1986) demonstrou que os indivíduos que provinham de ambientes familiares mais expressivos eram também emocionalmente mais expressivos, e pelo contrário, os indivíduos que consideravam as suas famílias menos expressivas, apresentavam menos competências globais de comunicação emocional. Num outro estudo com adultos, verificou-se que os que vinham de lares caracterizados por uma elevada expressão de emoções negativas relatavam níveis mais elevados de experiência e de expressão da emoção de raiva e sentiam mais dificuldades em regular esta emoção (Burrowes & Halberstadt, 1987). Partindo da premissa de que a personalidade pode, em última análise, ser organizada em torno de tipos particulares de emoções que tenham sido frequentemente experienciadas no seio das suas famílias (Magai & McFadden, 1995), vários estudos (Malatesta-Magai, 1991; Malatesta & Wilson, 1988) demonstraram que em reacção às interacções sociais precoces com os pais, estados emocionais particulares, podiam tornar-se cada vez mais reforçados (pela sua repetição), e internalizados como parte do *self*. Quando estes padrões se consolidavam ao longo do tempo, devido à experimentação em demasia ou em défice de uma emoção particular, eles constituíam constructos da personalidade, que poderiam conduzir ao aparecimento de problemas emocionais e comportamentais, e deste modo ao aparecimento de psicopatologia. Recentemente, tem sido explorada a hipótese de que as experiências vivenciadas no ambiente familiar possam constituir-se como um importante factor de risco para o desenvolvimento de problemas relacionados com o evitamento crónico de emoções e cognições que são avaliadas como negativas ou aversivas. Especificamente, existe uma relação entre a socialização parental das emoções e o desenvolvimento de estratégias de regulação focadas no evitamento (Eisenberg et al., 1998) e na supressão crónica dos pensamentos e emoções (Wenzlaff & Eisenberg, 1998), que ao passarem a ser utilizadas de modo inflexível pelo indivíduo para lidar com as suas experiências internas negativas contribuem para o desenvolvimento de psico-

patologia. Por exemplo, Buck (1984) refere que os indivíduos que na infância eram punidos quando expressavam emoções negativas, tendem, na idade adulta, a esconder as suas emoções, mas experienciam uma reactividade fisiológica mais elevada em contextos evocadores de emoções. De facto, as respostas parentais que se pautam pela ausência de suporte, relativamente às emoções negativas da criança, fornecem um treino comportamental explícito para a supressão da resposta emocional (Rosenthal, Polusny, Follette, 2006).

Por fim, existem evidências para a existência de uma relação entre a valência da expressão emocional na família e a predisposição para a depressão. Numa amostra feminina de estudantes universitárias, Cooley (1992) verificou que as mulheres que apresentavam uma maior propensão para a depressão, eram as que reportavam níveis semelhantes de expressividade negativa e positiva nas suas famílias, enquanto as que apresentavam uma menor propensão para a depressão reportavam uma expressividade familiar mais positiva do que negativa.

Medidas de Expressividade Emocional Familiar

A constatação quanto à ausência de medidas que exclusivamente avaliassem a expressividade emocional familiar⁴ levou a que Halberstadt (1986) desenvolvesse o Questionário de Expressividade Familiar (QEF; *Family Expressiveness Questionnaire*). Uma das vantagens desta escala é de que ela avalia a comunicação afectiva da família no seu todo, ao não se dirigir ao modo como um membro em particular expressava as suas emoções no seio da família (Halberstadt et al., 1995). Por outro lado, ela fornece indirectamente, uma medida da qualidade das relações vivenciadas no contexto familiar, na qual se inclui a qualidade da relação vivida entre o respondente e os seus prestadores de cuidados.

O *Questionário de Expressividade Familiar* (QEF) foi desenvolvido para ser uma medida retrospectiva de auto-resposta. É composto por 40 cenários afectivos hipotéticos, que representam uma variedade de eventos (que são típicos para muitas famílias), nos quais foram expressas emoções positivas e negativas. É solicitado ao respondente que classifique, cada cenário de expressão emocional, atribuindo-lhe um número que represente colectivamente, a frequência com que ele aconteceu, durante a sua infância e adolescência na sua família, em comparação com o que acontecia noutras famílias. Para este efeito o respondente deve utilizar uma escala de Likert que varia entre 1 (“*nada frequente na minha*

4 Uma das medidas que por vezes é utilizada é a *Family Environment Scale* (Moos & Moos, 2002) desenvolvida para avaliar o ambiente familiar precoce. Contudo, das 10 subescalas que compõem o instrumento, apenas uma avalia a expressividade familiar, e mais concretamente, apenas mede o encorajamento da expressão emocional no seio da família.

família”) e 9 (“*muito frequente na minha família*”). O QEF inclui itens que estão relacionados quer com a expressividade não-verbal quer com o conteúdo verbal. O questionário é composto por duas dimensões, a valência do afecto (positiva, negativa) e o poder/ intensidade da expressão (dominante, submisso). Ao se cruzarem estas duas dimensões, surgem quatro quadrantes que correspondem às quatro subescalas que compõem a medida: dominância positiva (DP), submissão positiva (SP), dominância negativa (DN) e submissão negativa (SN). Os resultados das quatro subescalas obtêm-se através da média dos dez itens que compõe cada subescala. A subescala dominância positiva descreve cenários em que os elementos da família assumiram um papel activo quanto à demonstração de emoções positivas (e.g. item 6: “*Elogiar alguém por um bom trabalho*”; item 23: “*Expressar um profundo afecto ou amor por alguém*”). A subescala submissão positiva captura acções reactivas/ responsivas que têm como intenção criar afecto positivo (e.g. item 2: “*Agradecer aos familiares por algo que tenham feito*”; item 21: “*Dizer a alguém que está bonita(o)*”). A subescala dominância negativa captura a manifestação aberta de criticismo, desprezo, ameaça e raiva (e.g. item 4: “*Mostrar desprezo pelas acções dos outros*”; item 7: “*Expressar raiva pelo descuido de outra pessoa*”). Por fim, a subescala submissão negativa é relativa às demonstrações de mágoa, embaraço e desapontamento no seio da família (e.g., item 8: “*Ficar amuado por ter recebido um tratamento injusto da parte de um familiar*”; item 10: “*Chorar após uma discussão desagradável*”). Halberstadt (1986) descreveu alfas de Cronbach de .75 (SN), .87 (SP) e .88 (DP e DN). A consistência teste-reteste, para um período de 10 dias ($n = 30$), foi de .89 (SN), .91 (SP e DN) e .92 (DP). A validade do QEF foi demonstrada por estudos que comprovam, que o grau de expressividade familiar vivenciado, prediz a responsividade facial dos respondentes às emoções manifestadas por outros, assim como a sua habilidade para expressar e identificar expressões emocionais (Eisenberg, Fabes, Carlo, & Troyer, 1992). Já as correlações entre esta medida de expressividade familiar e outras medidas de auto-expressividade, timidez, auto-monitorização e intensidade do afecto são baixas a moderadas, sugerindo que a expressividade familiar é um constructo distinto e separado, que se relaciona com outras variáveis. A escala apresenta ainda uma boa validade discriminante (Burrowes & Halberstadt, 1987; Eisenberg et al., 1991; Halberstadt, 1986; King & Emmons, 1990).

O QEF já foi usado numa variedade de estudos com adolescentes (Cooley, 1992; Eisenberg et al., 1991; Halberstadt, 1986; Halberstadt, Hoefl, & Tesh, 1990; King & Emmons, 1990; Ludemann, Amell, & Perry, 1994; Miller, 1989) e adultos (Burrowes & Halberstadt, 1987).

Apesar deste formato, em 4 subescalas, ter sido utilizado em vários estudos (e.g., Halberstadt, 1983, 1984, 1986), em alguns estudos tem sido usado um formato mais simples da escala, que elimina a dimensão poder, e que é apenas mantida

a dimensão valência (os 40 itens são distribuídos pelas duas subescalas, expressividade positiva e expressividade negativa) (Burrowes & Halberstadt, 1987). Já outros investigadores têm usado a subescala positiva combinada (composta pelos itens do componente dominante e de submissão), mas mantêm a distinção entre as dimensões submissão negativa e dominância negativa (Eisenberg et al., 1991, 1992; Garner, Jones, & Miner, 1994).

Posteriormente, surgiu uma variação deste questionário, o *Self-Expressiveness in the Family Questionnaire* (SEFQ; Halberstadt et al., 1995), que é composto pelos mesmos itens que o primeiro, mas no qual foram alteradas as instruções para o seu preenchimento. Assim, em vez de se solicitar ao respondente para que se recorde da expressividade emocional da sua família, durante a sua infância e adolescência, solicita-se que relate o modo como ele próprio expressa actualmente as suas emoções no seio da sua família (sendo-lhe por vezes solicitado como expressa as suas emoções na presença dos seus filhos). Deste modo, alterando as instruções, o mesmo questionário pode ser utilizado como uma medida de auto-expressividade.

Objectivos

Perante a ausência de um instrumento de avaliação da expressividade emocional familiar para a população portuguesa, o presente estudo apresenta três objectivos. Em primeiro lugar, pretende traduzir e adaptar para a língua portuguesa o QEF. O segundo objectivo prende-se com o estudo da estrutura factorial da versão portuguesa do QEF numa ampla amostra da população geral. De referir, que do nosso conhecimento, nenhum estudo foi conduzido (nem pela autora do questionário) para avaliar a estrutura factorial deste questionário, revelando-se de especial importância o estudo aqui apresentado⁵. Por último, este estudo propõe-se examinar as propriedades psicométricas da estrutura factorial obtida, nomeadamente a análise dos itens e consistência interna, diferenças de género, fidelidade teste-reteste e, por fim, explorar a validade convergente e divergente deste instrumento. Por fim, e dada a escassez de estudos que avaliam a expressividade emocional familiar e a psicopatologia na idade adulta, este estudo explora a relação entre a expressividade familiar positiva e negativa, com a sintomatologia actual, mais concretamente a depressiva, ansiosa e associada ao *stress*.

⁵ De referir que o estudo da estrutura factorial do *Self-Expressiveness Family Questionnaire* (ou seja, a adaptação do QEF como um instrumento de auto-expressividade preenchido por pais, em relação ao modo como eles expressam as suas emoções no seu contexto familiar) já se encontra publicado pelos autores da escala (Halberstadt et al., 1995).

2. Metodologia

2.1. Participantes

Participaram neste estudo 1133 sujeitos no total, dos quais 358 (31.6%) são estudantes, que frequentam diferentes licenciaturas e anos curriculares do Ensino Superior, e 775 pertencem à população geral (68.4%), a trabalhar em diversos sectores laborais. No seu conjunto, a amostra é constituída por 312 sujeitos do género masculino (27.5%) e 821 do género feminino (72.5%). Os inquiridos apresentam idades compreendidas entre os 18 e os 63 anos ($M = 30.75$; $DP = 10.74$) e o número de anos de escolaridade varia entre os 4 e os 23 anos ($M = 12.69$; $DP = 3.27$). Relativamente ao estado civil, 54.6% dos respondentes são solteiros e 40.6% são casados ou vivem em união de facto. Ambos os grupos (estudantes e sujeitos da população geral) apresentaram valores de média e desvio padrão semelhantes nas variáveis em estudo.

2.2. Instrumentos

Questionário de Expressividade Familiar (QEF - *Family Expressivity Questionnaire*; Halberstadt, 1986; tradução e adaptação: Dinis, Pinto Gouveia, & Xavier, 2010). Já descrito anteriormente.

Questionário de Experiências de Cuidado e Abuso na Infância (CECA. Q - *The Childhood Experience of Care and Abuse Questionnaire*; Smith, Lam, Bifulco, & Checkley, 2002; Bifulco, Bernazzani, Moran, & Jacobs, 2005; tradução e adaptação: Carvalho et al., 2010). Neste estudo foi apenas utilizada a primeira secção do questionário, designada por *Escala de cuidado parental*, que começa com a questão “*Como se recorda da sua figura materna/paterna até aos 17 anos?*”, e que é composta por 16 itens que avaliam experiências de antipatia (8 itens) e de negligência (8 itens). Para cada um dos itens os sujeitos respondem separadamente em relação à mãe (ou sua substituta) e ao pai (ou seu substituto). A dimensão *negligência parental* avalia a ocorrência de situações de negligência quanto às necessidades emocionais, materiais, sociais e educativas perpetradas pela figura parental. A dimensão *antipatia parental* avalia a quantidade de criticismo, aversão, rejeição, hostilidade e frieza demonstradas pela figura parental. Cada afirmação é cotada, numa escala de Likert de 5 pontos, que varia entre “*Sim, totalmente*” (5) a “*Não, de modo nenhum*” (1). Na versão original da escala, os alfas de Cronbach foram de .80 e .81 para as dimensões antipatia e negligência respectivamente (Bifulco et al., 2005). Na versão portuguesa foram obtidos alfas de Cronbach de .84 e de .85 para as dimensões antipatia mãe e pai, respectivamente, e de .84 e .88 para as dimensões negligência mãe e pai, respectivamente. Neste estudo foram obtidos os seguintes alfas de Cronbach: .82 (antipatia Mãe), .83 (antipatia Pai), .85 (negligência Mãe) e .88 (negligência Pai).

Questionário de Ligação Parental (PBI - Parental Bonding Instrument; Parker, Tupling, & Brow, 1979; Parker, 1989, 1990; tradução e adaptação: Baptista & Lory, 1997). O PBI é uma medida retrospectiva que avalia a percepção subjectiva dos comportamentos e atitudes parentais durante os primeiros 16 anos de vida. O questionário é composto 25 itens que se dividem entre duas subescalas: a subescala *cuidado/carinho* composta por 12 itens e a subescala *sobreprotecção* composta por 13 itens. A subescala *cuidado/carinho* é avaliada num contínuo entre pais calorosos, cuidadores, afectuosos e empáticos e pais rejeitantes, indiferentes e insensíveis. A subescala *sobreprotecção* é avaliada num contínuo entre pais que promovem a autonomia e independência e pais controladores, que invadem a privacidade e infantilizam os seus filhos. É solicitado ao respondente que classifique cada item, separadamente para o pai e para a mãe, utilizando uma escala de Likert de 4 pontos, que varia desde “*muito parecido*” (3) a “*muito diferente*” (0). O PBI tem sido amplamente estudado, com vários estudos a demonstrarem valores de consistência interna que variam entre .83 e .95 (Gerlsma, 1994; Parker, 1983, 1989, 1990). No presente estudo, foram encontrados os seguintes alfas de Cronbach: .88 (*carinho/cuidado mãe*); .89 (*carinho/cuidado pai*); .81 (*sobreprotecção mãe*) e .81 (*sobreprotecção pai*).

Escalas de Ansiedade Depressão e Stress (EADS-42; Depression Anxiety Stress Scales, Lovibond & Lovibond, 1995; tradução e adaptação: Pais-Ribeiro, Honrado, & Leal, 2004). O EADS-42 é constituído por 42 itens, distribuídos equitativamente por três dimensões, que pretendem avaliar respectivamente os estados afectivos de depressão, ansiedade e stress. Pretende-se que o sujeito avalie a extensão com que experimentou cada sintoma emocional negativo durante a última semana, numa escala de 4 pontos de frequência ou gravidade (0= “*não se aplicou nada a mim*” a 3= “*aplicou-se a mim a maior parte do tempo*”). Os resultados mais elevados indicam uma maior intensidade dos estados emocionais negativos avaliados. Na população portuguesa, a estrutura tridimensional da medida original foi confirmada, tendo sido obtidos valores de consistência interna de .93 (.91 na versão original); .83 (.84) e .88 (.90) para as subescalas *depressão*, *ansiedade* e *stress*, respectivamente (Pais-Ribeiro, Honrado, & Leal, 2004). Neste estudo, foram obtidos alfas de Cronbach de .95 (*depressão*), .92 (*ansiedade*) e .93 (*stress*).

Escala de Afecto Positivo e Negativo (PANAS; Positive and Negative Affect Schedule, Watson, Clark, & Tellegen, 1988; tradução e adaptação: Galinha & Pais-Ribeiro, 2005). Esta escala é constituída por 20 itens que se dividem em duas subescalas: afecto positivo e afecto negativo, cada uma constituída por 10 itens. Os sujeitos avaliam a extensão em que experimentaram cada emoção, durante as últimas semanas, de acordo com uma escala de resposta de Likert de 5 pontos, em que 1 corresponde a “*nada ou muito ligeiramente*” e 5 significa “*extremamente*”. No estudo original os valores de consistência interna encontrados foram de .88 para a subescala *afecto positivo* e .89 para a subescala *afecto negativo* (Watson, Clark

& Tellegen, 1998), e na versão portuguesa de respectivamente .86 e .89 (Galinha & Pais-Ribeiro, 2005). No presente estudo, obtivemos um alfa de Cronbach de .87 tanto para a subescala *afecto positivo* como para a subescala *afecto negativo*.

2.3. Procedimento

O processo de tradução do *Questionário de Expressividade na Família* foi conduzido por dois psicólogos que dominam a língua inglesa e o modelo teórico a partir do qual a escala original foi desenvolvida. Após ter sido obtida uma solução de consenso, através da qual se pretendeu que os itens da versão portuguesa abarcassem o melhor possível o sentido dos itens presentes na escala original, um especialista em língua inglesa assegurou a sua retroversão. A amostra da população geral foi recolhida entre membros de instituições, na sua maioria organismos públicos, lojistas e empregados fabris. Após obtida a autorização dos respectivos Institutos Politécnicos e Instituições Universitárias do Ensino Superior, solicitou-se a participação voluntária dos alunos, para o preenchimento de uma bateria de questionários, no contexto de sala de aula. Todos os participantes que aceitaram participar voluntariamente na investigação foram elucidados acerca dos objectivos do estudo. Na sua totalidade os participantes foram informados verbalmente, e por escrito, sobre os objectivos do estudo, tendo-lhes sido assegurado o anonimato e garantida a confidencialidade das suas respostas.

3. Resultados do estudo de adaptação da versão portuguesa do QEF

3.1. Análise Factorial

Para o estudo da dimensionalidade da escala procedeu-se a uma Análise em Componentes Principais (ACP) livre. Quanto à decisão do número de factores a reter na análise, utilizámos o critério de *Kaiser-Guttman*, assim como o *scree test* de Cattell. Nesta solução inicial, o critério de *Kaiser-Guttman*, indicava a retenção de seis factores que apresentavam valores próprios (*eigenvalues*) iguais ou superiores a 1.00, que explicavam 55.69% da variância total. Já a análise da *scree plot* de Cattell, revelava uma clara quebra na curva entre o segundo e o terceiro factor. Seguindo as indicações de Floyd e Widaman (1995), que defendem que o *scree test* é um indicador mais útil para determinar o número de factores a reter (dado que o uso do critério de *Kaiser-Guttman* pode conduzir a uma sobrestimação no número de factores significativos a reter), optámos por conduzir novas análises em componentes principais, forçada primeiro a três e depois a duas dimensões, com rotação varimax. Com este procedimento pretendíamos averiguar qual a solução mais plausível do ponto de vista empírico, mas também a que se revelava mais interpretável do ponto de vista

teórico. A solução extraída da ACP forçada a três factores explicava na globalidade 46.52%, e cada um dos factores retidos, respectivamente 28.79% (*eigenvalue*= 11.52), 14.12% (*eigenvalue*=5.65) e 3.61% (*eigenvalue*= 1.45). No entanto, as saturações factoriais no primeiro e no terceiro componentes extraídos revelaram-se muito elevadas com diferentes itens a saturarem de forma expressiva em ambos, sendo que, com vista a melhorar a solução, seria necessária a remoção de 7 itens. Para além disso, o terceiro factor apenas ficaria composto por dois itens. Consequentemente, esta solução não se revelou interpretável do ponto de vista teórico.

Assim, o passo seguinte foi conduzir uma nova ACP, com rotação varimax, mas agora forçada a dois factores. A observação dos indicadores de adequação de *Kaiser-Meyer-Olkin* ($KMO = .848$) e índice de esfericidade de Bartlett, $\chi^2_{(780)} = 21.956.756$, $p = .000$, revelou níveis muito bons de adequação da matriz, o que nos permitiu prosseguir com os cálculos. A análise desta solução revelou que as duas componentes explicavam respectivamente 28.79% da variância (*eigenvalue* = 11.52) e 14.12% (*eigenvalue* de 5.65). Esta solução de dois factores explica 42.91% do total da variância. A análise da matriz obtida demonstrou a necessidade de eliminar o item 28 (*“Expressar preocupação acerca do sucesso de um familiar”*) por apresentar uma saturação factorial inferior a .40 em ambos os factores. Foram ainda retirados progressivamente, os itens 14 (*“Expressar embaraço por ter feito uma asneira”*), 13 (*“Procurar aprovação para um acto”*), 20 (*“Expressar desapontamento por algo que não correu bem”*) e 32 (*“Chorar por ter sido castigado”*) por saturarem significativamente em ambos os componentes com uma diferença nos pesos das saturação entre os dois factores inferior a .20. Por fim, optou-se pela remoção dos itens 19 (*“Expressar sofrimento quando um animal de estimação morre”*), 25 (*“Chorar quando alguém se vai embora”*), 29 (*“Pedir desculpas por chegar atrasado”*) e 34 (*“Dizer a um familiar o quanto magoado se está a sentir”*) porque saturavam no componente positivo apesar de teoricamente pertencerem ao componente negativo⁶.

6 De referir contudo, que a saturação destes itens no componente positivo, não é totalmente inconsistente com o modelo teórico do qual deriva a escala. Mais concretamente, Halberstadt (1991), hipotetiza que a observação, ainda que infrequentemente, de uma baixa intensidade de emoções negativas (do componente de submisso), durante as interações familiares, providenciava uma oportunidade para as crianças aprenderem mais acerca das suas emoções negativas e de como lidar com elas, e como tal estas experiências poderiam ser encaradas pela criança de modo positivo. Também Denham e Grout (1992) sugeriam que as crianças podem aprender estratégias de *coping* observando os membros da sua família a responder a quantidades moderadas de emoções negativas (do componente negativo submisso). Pode por isso, depreender-se que em relação a estes quatro itens em particular, eles são percebidos pelos respondentes como sendo uma experiência positiva ocorrida no seu contexto familiar. Contudo, para evitar problemas de validade de conteúdo no que se refere a esta dimensão e porque a sua remoção não alterava a estrutura factorial obtida, optou-se pela sua remoção, de modo a que os dois factores obtidos avaliassem exclusivamente e separadamente a expressão de emoções positivas e negativas.

A solução final obtida, após a remoção destes cinco itens explica 47,56% da variância, com todos os itens a apresentarem saturações factoriais muito expressivas (entre .52 e .79) (cf. Tabela 1).

Tabela 1. Saturações factoriais e comunalidades para os itens do QEF na solução de dois factores a partir de uma análise de componentes principais, com rotação varimax (N = 1133).

Itens	1	2	h ²
Positivo			
18. Mostrar admiração por alguém.	.79	-.10	.63
23. Expressar um profundo afecto ou amor por alguém.	.78	-.18	.65
33. Tentar animar alguém que está triste.	.78	-.19	.64
21. Dizer a alguém que está bonita (o).	.76	-.11	.58
35. Dizer aos familiares o quanto alegre se está a sentir.	.75	-.08	.57
38. Expressar gratidão por um favor que nos foi feito.	.74	-.18	.58
40. Dizer “Desculpa-me” quando se tem a noção de que fez algo de errado.	.72	-.26	.58
39. Surpreender alguém com um pequeno presente ou favor.	.71	-.18	.54
6. Elogiar alguém por um bom trabalho.	.71	-.24	.57
26. Abraçar um familiar de forma espontânea.	.70	-.11	.50
30. Oferecer-se para fazer um favor a alguém.	.69	-.12	.49
17. Expressar excitação com os nossos planos futuros.	.66	.10	.45
22. Expressar simpatia pelos problemas dos outros.	.65	-.04	.42
2. Agradecer aos familiares por algo que tenham feito.	.64	-.20	.45
3. Exclamar sobre um dia maravilhoso.	.62	-.13	.40
31. Aninhar-se (aproximar-se para obter conforto) junto de um familiar.	.59	.01	.35
16. Expressar euforia após um triunfo inesperado.	.54	.22	.34
1. Mostrar perdão a alguém que quebrou um objecto favorito.	.53	-.10	.29
Negativo			
9. Culparem-se uns aos outros por problemas familiares.	-.21	.73	.58
27. Expressar raiva, no imediato, após uma chatice que era somente trivial.	-.07	.73	.53
7. Expressar raiva pelo descuido de outra pessoa.	-.20	.73	.57
12. Mostrar desagrado por alguém.	-.21	.73	.55
24. Discutir com um familiar.	-.08	.69	.49
8. Ficar amuado por ter recebido um tratamento injusto da parte de um familiar.	.03	.67	.45
15. “Desmorona-se” quando a tensão aumenta.	-.06	.62	.39
11. Desvalorizar os interesses dos outros.	-.39	.59	.50

5. Mostrar descontentamento pelo comportamento de outra pessoa.	-.00	.57	.32
36. Ameaçar alguém.	-.27	.55	.37
37. Criticar alguém por chegar atrasado.	-.04	.55	.30
10. Chorar após uma discussão desagradável.	.22	.53	.33
4. Mostrar desprezo pelas acções dos outros.	-.25	.52	.33
Valores Próprios (eigenvalues)	10.28	4.46	

De seguida efectuou-se uma análise factorial separadamente, para a amostra masculina e feminina, dado que o agrupar do conjunto de itens por factor, poderia diferir de acordo com o género, e nesse caso, a estrutura factorial da amostra total, ser uma representação pobre da estrutura única de cada grupo. Contudo, após comparadas ambas as estruturas factoriais, verificou-se que estas não se distinguem dos resultados obtidos para a amostra combinada, apresentam-se por esse motivo apenas os resultados obtidos para a amostra total.

3.2. Consistência Interna

Na Tabela 2 apresentam-se as médias, os desvios-padrão e as correlações item – total de cada item, assim como os valores de consistência interna encontrados para a escala total e para os dois factores (que correspondem às duas dimensões obtidas com a análise em componentes principais) da versão portuguesa do instrumento.

A consistência interna do QEF foi examinada através do cálculo do coeficiente de alfa de Cronbach. Os resultados indicam uma elevada consistência interna para as duas dimensões: $\alpha = .94$ para a dimensão *Positivo* e $\alpha = .88$ para a dimensão *Negativo*.

A leitura da Tabela 2 permite-nos verificar que todos os itens da escala apresentam correlações item - total superiores a .38, o que aponta para a qualidade e adequação dos itens à medida de cada subescala. Os coeficientes mostram que todos os itens individuais estão igualmente associados com a totalidade de cada uma das respectivas subescalas com valores que variam entre .45 e .76 (para a dimensão *Positivo*) e .38 e .70 (para a dimensão *Negativo*). A leitura do indicador de alfa de Cronbach caso o item seja removido revelava que a exclusão do item 16 apenas incrementava ligeiramente o valor do indicador de consistência interna da componente positiva; o mesmo acontecendo com a remoção do item 10 em relação ao componente negativo, pelo que optámos pela manutenção destes itens no questionário (cf. Tabela 2).

Tabela 2. Valores médios, de desvio padrão, correlação item-total corrigida e alfa de Cronbach se o item for excluído ($N = 1133$).

Itens	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>r</i> item total corrigida	α se eliminado o item
Positivo $\alpha = .94$				
18. Mostrar admiração por alguém.	6.74	1.85	.75	.93
23. Expressar um profundo afecto ou amor por alguém.	6.86	2.12	.76	.93
33. Tentar animar alguém que está triste.	7.04	1.80	.76	.93
21. Dizer a alguém que está bonita (o).	6.62	2.12	.73	.93
35. Dizer aos familiares o quanto alegre se está a sentir.	6.19	2.15	.72	.93
38. Expressar gratidão por um favor que nos foi feito.	7.27	1.81	.72	.93
40. Dizer “Desculpa-me” quando se tem a noção de que fez algo de errado.	6.82	2.24	.70	.93
39. Surpreender alguém com um pequeno presente ou favor.	6.53	2.09	.69	.93
6. Elogiar alguém por um bom trabalho.	7.10	1.88	.70	.93
26. Abraçar um familiar de forma espontânea.	5.72	2.48	.67	.93
30. Oferecer-se para fazer um favor a alguém.	7.10	1.80	.65	.93
17. Expressar excitação com os nossos planos futuros.	6.09	2.10	.59	.93
22. Expressar simpatia pelos problemas dos outros.	6.42	2.08	.60	.93
2. Agradecer aos familiares por algo que tenham feito.	7.58	1.70	.62	.93
3. Exclamar sobre um dia maravilhoso.	6.26	2.19	.59	.93
31. Aninhar-se (aproximar-se para obter conforto) junto de um familiar.	5.59	2.46	.54	.93
16. Expressar euforia após um triunfo inesperado.	6.05	2.18	.45	.94
1. Mostrar perdão a alguém que quebrou um objecto favorito.	6.44	2.21	.49	.94
Negativo $\alpha = .88$				
9. Culparem-se uns aos outros por problemas familiares.	3.71	2.39	.70	.87
27. Expressar raiva, no imediato, após uma chatices que era somente trivial.	3.92	2.13	.65	.87
7. Expressar raiva pelo descuido de outra pessoa.	3.73	2.18	.68	.87
12. Mostrar desagrado por alguém.	3.72	2.06	.67	.87
24. Discutir com um familiar.	4.53	2.23	.61	.87
8. Ficar amuado por ter recebido um tratamento injusto da parte de um familiar.	4.86	2.20	.58	.87
15. “Desmorona-se” quando a tensão aumenta.	3.88	2.22	.54	.87

11. Desvalorizar os interesses dos outros.	2.94	2.03	.59	.87
5. Mostrar descontentamento pelo comportamento de outra pessoa.	5.01	2.12	.48	.88
36. Ameaçar alguém.	2.05	1.70	.52	.88
37. Criticar alguém por chegar atrasado.	3.89	2.18	.46	.88
10. Chorar após uma discussão desagradável.	4.86	2.39	.38	.88
4. Mostrar desprezo pelas acções dos outros.	2.83	1.92	.49	.88

3.3. Diferenças de Género

Na Tabela 3 são apresentadas as estatísticas descritivas por géneros masculino e feminino e para o total da amostra. Para o estudo das diferenças de género foram comparadas as médias de cada um dos factores e as médias da pontuação total ao nível da variável género, recorrendo ao uso do teste *t de Student* para amostras independentes. Os resultados demonstram que existem diferenças estatisticamente significativas na componente *Positiva*, $t_{(1131)} = 5.51$; $p = .000$, com as mulheres a apresentarem em média resultados superiores aos dos homens.

Tabela 3. Médias e desvios-padrão de cada subescala por géneros. Estudo das diferenças de género.

	Feminino (n = 821)		Masculino (n = 312)		Total (N = 1133)		t	p
	M	DP	M	DP	M	DP		
Positivo	6.72	1.41	6.20	1.40	6.58	1.43	5.51	.000
Negativo	3.87	1.38	3.77	1.35	3.84	1.37	1.15	.251

3.4. Intercorrelações das subescalas

Para explorar a associação entre as duas dimensões do QEF foram calculadas correlações de *Pearson*. De acordo com os resultados, verificar-se que as subescalas (Positivo e Negativo) estão correlacionadas negativamente entre si ($r = -.31$; $p \leq .01$). A baixa magnitude da correlação entre as duas dimensões, permite-nos concluir que elas não são simplesmente dimensões opostas, mas que avaliam vivências claramente distintas em relação ao ambiente de expressividade familiar, ou seja, viver numa família com um ambiente de elevada expressividade positiva não é o oposto de viver numa família de elevada expressividade negativa.

3.5. Fidelidade teste-reteste

A versão portuguesa do questionário revelou uma estabilidade temporal alta, num intervalo que variou entre 4 a 6 semanas, para cada uma das subescalas. Os resultados obtidos são apresentados na Tabela 4 (a, b).

Tabela 4a. Fidelidade temporal teste-reteste ($n = 39$)

Factores	Positivo	Negativo
Teste-reteste (r)	.83**	.83**

** $p \leq .01$ Tabela 4b. Fidelidade temporal teste-reteste ($n = 39$)

Factores	Positivo	Negativo
t	1.30	.86
p	.200	.396

3.6. Validade Convergente e Divergente

Para avaliar a validade convergente e divergente da versão portuguesa do QEF calcularam-se os coeficientes de correlação de *Pearson* entre as duas dimensões que compõe o questionário e a sintomatologia ansiosa, depressiva e associada ao *stress* (avaliada pela EADS-42), o afecto positivo e o afecto negativo (avaliado pelo PANAS), as experiências adversas na infância (avaliadas pelo CECA.Q) e com os estilos parentais (avaliados pelo PBI) (cf. Tabela 5).

Os resultados encontrados para a versão portuguesa (cf. Tabela 5) demonstram que a dimensão Positivo do QEF apresenta correlações negativas com as dimensões ansiedade, depressão e *stress*. Inversamente, a dimensão Negativo do QEF apresenta correlações positivas com a sintomatologia ansiosa, depressiva e associada ao *stress*. Ressalvando a baixa magnitude encontrada, estes resultados permitem-nos sugerir que a expressividade familiar positiva parece estar relacionada com a menor experiência de sintomas psicopatológicos, verificando-se o inverso com a expressividade familiar negativa.

A dimensão *Positivo* do QEF apresenta uma correlação significativa positiva com a subescala de *afecto positivo* e uma correlação significativa negativa com o *afecto negativo* (dimensões avaliadas pelo PANAS). Existe ainda uma correlação significativa positiva de magnitude moderada entre a dimensão *Negativo* do QEF e a subescala *afecto negativo* (dimensão avaliada pelo PANAS). Estes resultados demonstram que a expressividade familiar positiva se associa a uma maior experiência de emoções positivas e a uma menor experiência de emoções negativas, o que corrobora a nossa hipótese de que uma expressividade familiar de emoções positivas se associa a uma menor vivência de estados emocionais negativos.

Verifica-se ainda que a dimensão *Positivo* do QEF correlaciona-se positivamente, de magnitude moderada, com a subescala *cuidado/carinho* (avaliada pelo

PBI) quer relativamente à figura paterna quer em relação à figura materna; e correlaciona-se negativamente com a subescala *sobreprotecção* (avaliada pelo PBI), cuja magnitude é baixa para o pai e moderada para a mãe. Contrariamente, a dimensão *Negativo* do QEF correlaciona-se negativamente com a subescala *cuidado/carinho* (avaliada pelo PBI), com magnitudes baixa para o pai e moderada para a mãe; assim como, correlaciona-se positivamente, com a subescala *sobreprotecção* (avaliada pelo PBI), cujas magnitudes variam entre baixa para o pai e moderada para a mãe). Estes resultados indicam que a expressividade de emoções positivas no ambiente familiar está relacionada com a percepção dos pais como sendo mais calorosos, cuidadores, afectuosos e empáticos. Enquanto a expressividade familiar de emoções negativas parece estar relacionada com a percepção das figuras parentais como sendo rejeitantes, indiferentes e insensíveis. Adicionalmente, a expressividade familiar de emoções positivas parece estar associada à percepção de atitudes parentais que promovem a autonomia e independência. Inversamente, a expressividade familiar de emoções negativas sugere estar ligada à percepção dos comportamentos dos pais caracterizados pelo controlo e sobreprotecção.

A dimensão *Positivo* do QEF apresenta correlações negativas, de magnitudes moderada e baixa, com a subescala *antipatia* (avaliada pelo CECA.Q) em relação à mãe e ao pai, respectivamente. A dimensão *Positivo* do QEF correlaciona-se negativamente com a subescala *negligência parental* (avaliada pelo CECA.Q), cujas magnitudes são moderadas para ambos os pais. Inversamente, a dimensão *Negativo* do QEF correlaciona-se positivamente com a subescala *antipatia parental* (quer para o pai quer para a mãe) e com a subescala *negligência parental* (para ambos os pais) (dimensões avaliadas pelo CECA.Q), cujas magnitudes variam entre baixas a moderadas. Estes resultados permitem sugerir que a expressividade familiar de emoções positivas está associada à menor experiência de criticismo, aversão, rejeição, hostilidade e frieza demonstrados pelas figuras parentais, bem como a menor experiência de situações de negligência quanto às necessidades básicas. Contrariamente, a expressividade de emoções negativas no ambiente familiar parece relacionar-se com maior experiência de criticismo, rejeição, hostilidade por parte dos pais, assim como maior experiência de situações de negligência relativamente às necessidades básicas.

Tabela 5. Correlações de *Pearson* entre a sintomatologia ansiosa, depressiva e stress ($N = 1133$), o afecto positivo e o afecto negativo ($n = 334$), o PBI ($n = 532$), o CECA.Q ($n = 535$), com as dimensões do QEF.

Factores	Positivo	Negativo
Medidas de Psicopatologia		
EADS-42		
Ansiedade	-.21**	.30**
Depressão	-.14**	.26**
Stress	-.15**	.34**
PANAS		
Afecto positivo	.28**	.02
Afecto negativo	-.13*	.41**
Medidas de Contexto Familiar		
PBI		
Pai cuidado/ carinho	.49**	-.39**
Mãe cuidado/ carinho	.50**	-.43**
Pai sobreprotecção	-.40**	.37**
Mãe sobreprotecção	-.40**	.43**
CECA.Q		
Antipatia Pai	-.37**	.41**
Antipatia Mãe	-.41**	.45**
Negligência Pai	-.48**	.34**
Negligência Mãe	-.45**	.32**

Nota. * $p \leq .05$. ** $p \leq .01$. EADS-42 = Escalas de Ansiedade, Depressão e Stress; PANAS = Escalas de Afecto Positivo e Negativo; PBI = Questionário de Ligação Parental; CECA.Q = Questionário de Experiências de Cuidado e Abuso na Infância.

Dada a escassez de estudos entre a expressividade familiar e a psicopatologia na adultez, a validade do QEF foi ainda estudada através dos coeficientes de correlação entre o QEF e as subescalas de Depressão, Ansiedade e Stress da EADS-42, tendo-se verificado que todas as correlações eram significativas. De seguida, para avaliar se os indivíduos que provinham de famílias caracterizadas por uma elevada expressividade de emoções positivas/ negativas se diferenciavam dos indivíduos que provinham de famílias com baixa expressividade de emoções positivas/ negativas em relação à sintomatologia depressiva, e stress que apresentam no momento actual (da avaliação), foram criados quatro grupos (QEF - positivo Alto; QEF - positivo Baixo; QEF - negativo Alto; QEF - negativo Baixo) utilizando como ponto de corte o valor de mediana. Os resultados do teste *t de Student* para amostras independentes (cf. Tabela 6) permitiram constatar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre indivíduos com pontuações altas no QEF - positivo e os que obtiveram pontuações baixas, em

relação a sintomas de Depressão ($t = -4.99$; $p = .000$), Ansiedade ($t = -3.52$; $p = .000$) e *Stress* ($t = -3.15$; $p = .002$). Isto é, indivíduos cujas famílias expressavam mais frequentemente emoções positivas tendem na actualidade a apresentar menos sintomatologia depressiva, ansiosa e de *stress*, comparativamente aos indivíduos cujas famílias expressavam em menor grau emoções positivas. No sentido oposto, verificou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas entre indivíduos com pontuações altas no QEF - negativo e os que obtiveram pontuações baixas, em relação a sintomas de Depressão ($t = 7.69$; $p = .000$), Ansiedade ($t = 6.23$; $p = .000$) e *Stress* ($t = 8.33$; $p = .000$). Estes resultados demonstram que os indivíduos que provêm de famílias com uma elevada expressão de emoções negativas tentem no presente a apresentar mais sintomas de depressão, ansiedade e *stress*, do que aqueles que relataram uma menor expressão familiar de emoções negativas.

Tabela 6. Teste *t de Student* para a diferença entre grupos com QEF – positivo alto e baixo e entre QEF – negativo alto e baixo em relação a Depressão, Ansiedade e *Stress* ($N = 1133$).

EADS-42	QEF positivo				<i>t</i>	<i>p</i>
	Alto		Baixo			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Depressão	5.10	6.74	7.28	7.92	-4.99	.000
Ansiedade	5.02	6.14	6.38	6.84	-3.52	.000
<i>Stress</i>	10.70	7.78	12.18	8.83	-3.15	.002

EADS-42	QEF Negativo				<i>t</i>	<i>p</i>
	Alto		Baixo			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Depressão	7.75	8.43	4.48	5.71	7.69	.000
Ansiedade	6.82	7.35	4.47	5.26	6.22	.000
<i>Stress</i>	13.26	8.57	9.47	6.68	8.33	.000

Nota: Alto: valores > ou = ao ponto de corte; Baixo: valores < ao ponto de corte. Ponto de corte QEF - positivo: 6.83; QEF - negativo: 3.69. QEF = Questionário de Expressividade Familiar; EADS-42 = Escalas de Ansiedade, Depressão e *Stress*.

4. Discussão

O Questionário de Expressividade Familiar (QEF; *Family Expressiveness Questionnaire - FEQ*) é uma medida retrospectiva de auto-resposta, composta por 40 cenários afectivos hipotéticos, que representam uma variedade de emoções presentes em contextos que são típicos para muitas famílias. O QEF destina-se a avaliar o ambiente expressivo geral da família e inclui itens que estão relacionados quer com a expressividade não-verbal quer com o conteúdo da expressão emocional.

O presente estudo tem o objectivo de contribuir para a validação da versão portuguesa do Questionário de Expressividade Familiar (QEF) e estudar as suas características psicométricas, nomeadamente, a estrutura factorial, consistência interna, estabilidade temporal e validade convergente e divergente, numa ampla amostra de estudantes e da população geral.

No que diz respeito à análise factorial do QEF, a versão portuguesa revelou uma estrutura composta por dois factores (Positivo e Negativo). Apesar de, na versão original, a autora (Halberstadt, 1986) apresentar quatro dimensões (Positivo Dominante, Positivo Submisso, Negativo Dominante, Negativo Submisso, que são justificados de um ponto de vista teórico, sem a apresentação da estrutura factorial), alguns estudos levados a cabo pela mesma e colaboradores (Burrowers & Halberstadt, 1987) utilizam a escala com duas dimensões (Positivo Dominante e Negativo Dominante), semelhante à estrutura dimensional encontrada no presente estudo.

Neste estudo, foram encontrados valores elevados de consistência interna para os dois factores e para cada item, indicador de uma excelente fidedignidade deste instrumento. A versão portuguesa do QEF apresentou bons índices de fidelidade teste-reteste, mostrando uma boa estabilidade temporal num intervalo que variou entre quatro e seis semanas.

Relativamente às diferenças de género, os resultados obtidos para a população portuguesa mostram que, na componente Positiva da expressividade familiar, as mulheres relatam ter recordações de situações de mais expressividade de emoções positivas no ambiente familiar do que os homens.

Quanto à validade convergente e divergente, as duas dimensões correlacionam-se no sentido esperado com constructos relacionados, comprovando que a versão portuguesa do QEF revela uma boa validade convergente e divergente. De um modo geral, os resultados obtidos sugerem que a expressividade familiar está relacionada com a psicopatologia, mostrando que os indivíduos que relatam a expressividade de emoções positivas no ambiente familiar tendem a revelar menor experiência de sintomas psicopatológicos (i.e., menor sintomatologia ansiosa, depressiva e de *stress*, assim como afecto negativo), quando comparados com aqueles cuja expressividade familiar é dominada por emoções negativas. Adicionalmente, os resultados do teste *t de Student* permitiram constatar que os indivíduos que provêm de famílias com uma elevada expressão de emoções negativas se diferenciavam significativamente dos que revelavam menor expressão familiar de emoções negativas, relativamente a sintomatologia de Depressão, Ansiedade e *Stress*. Os dados obtidos estão de acordo com os resultados de estudos anteriores, que mostram que a elevada expressão de emoções negativas no contexto familiar

está relacionada com níveis mais elevados de experiência de emoções negativas (Burrowes & Halberstadt, 1987; Halberstadt et al., 1999). Também Cooley (1992) verificou a existência de uma relação entre a valência da expressão emocional na família e a predisposição para a depressão.

Paralelamente, os resultados demonstram a existência de uma relação entre a expressividade familiar, a ligação parental e as experiências de cuidado e negligência parental. Particularmente, os indivíduos que relatam níveis mais elevados de expressividade de emoções positivas no ambiente familiar tendem a perceber os pais como sendo mais calorosos, cuidadores, afectuosos e empáticos, bem como as atitudes parentais pautadas pela promoção de autonomia e independência. Inversamente, os indivíduos que relatam níveis mais elevados de expressividade familiar de emoções negativas tendem a perceber as figuras parentais como sendo rejeitantes, indiferentes e insensíveis, assim como os comportamentos daquelas caracterizados pelo controlo e sobreprotecção. Os dados obtidos neste estudo sugerem ainda que a expressividade familiar de emoções positivas está associada à menor experiência de criticismo, aversão, rejeição, hostilidade e frieza demonstrados pelas figuras parentais, bem como a menor experiência de situações de negligência quanto às necessidades básicas. Verificando-se o contrário relativamente à expressividade de emoções negativas no ambiente familiar. Estes resultados são concordantes com alguns estudos que mostram a relação entre a expressividade familiar positiva e o ambiente familiar caracterizado pela aceitação e suporte parental (Eisenberg et al., 2001b; Lindahl, 1998; Ramsden & Hubbard, 2002; Scaramella et al., 1999).

Limitações e Investigações Futuras

Os nossos resultados devem ser apreciados tendo em consideração algumas limitações. Em primeiro lugar, o QEF constitui-se uma medida retrospectiva do ambiente de expressividade de emoções da família, pelo que apela à memória de situações relacionadas com a expressão de emoções no contexto familiar. Deste modo, as respostas dependem da memória dos respondentes, sendo possivelmente sujeitas a enviesamentos da memória, o que pode condicionar os resultados. Não obstante, as medidas retrospectivas constituem-se medidas de avaliação importantes, tal como é mostrado num estudo realizado por Richter e Eisemann (2000), que comprova a elevada estabilidade das recordações acerca das práticas educativas parentais.

Em segundo lugar, seria importante examinar as diferenças de género encontradas, tendo em conta as seguintes possibilidades: se as mulheres têm uma tendência para avaliar o seu ambiente familiar como mais positivo do que os homens ou se, nas famílias portuguesas, as raparigas tendem a receber mais expressão de emoções positivas do que os homens.

Em terceiro lugar, neste estudo foi usada uma amostra de estudantes e indivíduos da população geral, pelo que os resultados não podem ser generalizados para a população clínica. Investigações futuras deverão examinar as propriedades psicométricas do QEF recorrendo a uma amostra clínica, tendo em conta que o ambiente familiar caracterizado pela invalidação emocional está relacionado com a psicopatologia (e.g., Eisenberg, Cumberland, & Spinrad, 1998; Linehan, 1993; Malatesta & Wilson, 1988).

Conclusão

Apesar destas limitações, o presente estudo mostrou que o QEF é um bom instrumento para avaliar o ambiente expressivo geral da família, incluindo a expressividade não-verbal, assim como o conteúdo da expressão emocional. A versão portuguesa do QEF apresenta boas características psicométricas, podendo ser utilizado tanto por clínicos como por investigadores.

Referências Bibliográficas

- Baptista, A., & Lory, F. (1997). Questionário de ligação parental. Validação para a população portuguesa do *Parental Bonding Instrument* – PBI. In M. Gonçalves, I. Ribeiro, S. Araújo, C. Machado, L. Almeida, & M. Simões (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (Vol. V, pp. 859-868).
- Bell, K. L. (1998). Family expressiveness and attachment. *Social Development*, 7, 37-53.
- Bifulco, A., & Moran, P. (1998). *Wednesday's child: Research into women's experiences of neglect and abuse in childhood, and adult depression*. London: Routledge.
- Bifulco, A., Bernazzani, O., Moran, P. M., & Jacobs, C. (2005). The childhood experience of care and abuse questionnaire (CECA.Q): Validation in a community series. *British Journal of Clinical Psychology*, 44, 563-581.
- Boyum, L. A., & Parker, R. D. (1995). The role of family emotional expressiveness in the development of children's social competence. *Journal of Marriage and the Family*, 57, 593-608.
- Bronstein, P., Fitzgerald, M., Briones, M., Pieniadz, J., & D'Ari, A. (1993). Family emotional expressiveness as a predictor of early adolescent social and psychological adjustment. *Journal of Early Adolescence*, 13, 448-471.
- Buck, R. (1984). *The communication of emotion*. New York: Guilford.
- Burrowes, B., & Halberstadt, A. (1987). Self-and family expressiveness styles in the experience and expression of anger. *Journal of Nonverbal Behavior*, 11 (4), 254-268.
- Cassidy, J., Parke, R. D., Butkovsky, L., & Braungart, J.M. (1992). Family-peer connections: The roles of emotional expressiveness within the family and children's understanding of emotions. *Child Development*, 63, 603-618.
- Cooley, E. (1992). Family expressiveness and proneness to depression among college women. *Journal of Research in Personality*, 26(3), 281-287. doi: 10.1016/0092-6566(92)90045-6

- Collins, W. A., Maccoby, E. E., Steinberg, L., Heatherington, E.M., & Bronstein, M.H., (2000). Contemporary research on parenting: The case for nature and nurture. *American Psychologist*, 55, 218-232.
- Cummings, E. M., & Davies, P.T. (1994). Maternal Depression and child development. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 35, 73-112.
- Denham, S. A. (1989). Maternal affect and toddlers' social-emotional competence. *American Journal of Orthopsychiatry*, 59, 368-376.
- Denham, S. A. (1998). *Emotional development in young children*. New York: Guilford.
- Denham, S. A., & Grout, L. (1992). Mothers' emotional expressiveness and coping: Relations with preschoolers' social-emotional competence. *Genetic, Social, and General Psychology Monographs*, 118, 75-101.
- Dix, T. (1991). The affective organization of parenting: Adaptive and maladaptive processes. *Psychological Bulletin*, 110, 3-25.
- Dunsmore, J. C., & Halberstadt, A. G. (1997). How does family emotional expressiveness affect children's schemas? In K. C. Barrett (Ed.), *The communication of emotion: Current research from diverse perspectives* (pp. 45-68). San Francisco: Jossey-Bass.
- Eisenberg, N., Cumberland, A., & Spinrad, T. L. (1998a). Parental socialization of emotion. *Psychological Inquiry*, 9, 241-273.
- Eisenberg, N., Spinrad, T. L., & Cumberland, A. J. (1998b). Socialization of emotion: Reply to commentaries. *Psychological Inquiry*, 9, 317-333.
- Eisenberg, N., Fabes, R. A., Schaller, M., Miller, P., Carlo, G., Poulin, R., Shea, C., & Shell, R. (1991). Personality and socialization correlates of vicarious emotional responding. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 459-470.
- Eisenberg, N., Fabes, R. A., Carlo, G., & Troyer, D. (1992). The relations of maternal practices and characteristics to children's vicarious emotional responsiveness. *Child Development*, 63, 583-602.
- Eisenberg, N., Losoya, S., Fabes, R. A., Guthrie, I. K., Reiser, M., Murphy, B., Shepard, S. A., Poulin, R., & Padgett, S. J. (2001a). Parental socialization of children's dysregulated expression of emotion and externalizing problems. *Journal of Family Psychology*, 15 (2), 183-205.
- Eisenberg, N., Gershoff, E. T., Fabes, R. A., Shepard, S. A., Cumberland, A. J., Losoya, S. H., et al. (2001b). Mothers' emotional expressivity and children's behavior problems and social competence: Mediation through children's regulation. *Developmental Psychology*, 37, 475-490.
- Galinha, I. C., & Pais-Ribeiro, J. L. (2005). Contribuição para o estudo da versão portuguesa da *Positive and Negative Affect Schedule* (PANAS): II - Estudo psicométrico. *Análise Psicológica*, 23 (2), 219-227.
- Garner, P.W. (1995). Toddlers' emotion regulation behaviors: The roles of social context and family expressiveness. *Journal of Genetic Psychology*, 156, 417-430.
- Garner, P. W., Jones, D. C., & Miner, J. L. (1994). Social competence among low-income preschoolers: Emotion socialization practices and social cognitive correlates. *Child Development*, 65, 622-637.
- Garner, P. W., & Power, T. G. (1996). Preschoolers' emotional control in the disappointment paradigm and its relation to temperament, emotional knowledge, and family expressiveness. *Child Development*, 67, 1406-1419.

- Gerlisma, C. (1994). Parental rearing styles and psychopathology: Notes on the validity of questionnaires for recalled parental behavior. In C. Perris, W. A. Arrindell, & M. Eismann (Eds.), *Parenting and Psychopathology* (pp. 75-105). Chichester, Wiley.
- Hardy, D. F., Power, T. G., & Jaedicke, S. (1993). Examining the relation of parenting to children's coping with every day stress. *Child Development*, *64*, 1829-1841.
- Halberstadt, A. G. (1983). Family expressiveness styles and nonverbal communication skills. *Journal of Nonverbal Communication*, *8*, 14-26.
- Halberstadt, A. G. (1984). Family expression of emotion. In C. Z. Malatesta & C. E. Izard (Eds.), *Emotion in adult development* (pp.235-252). Beverly Hills, CA: Sage.
- Halberstadt, A. G. (1986). Family socialization of emotional expression and nonverbal communication styles and skills. *Journal of Personality and Social Psychology*, *51*, 827-836.
- Halberstadt, A. G. (1991). Toward an ecology of expressiveness: Family socialization in particular and a model in general. In R. S. Feldman, & B. Rime (Eds.), *Fundamentals of nonverbal behavior* (pp. 106-160). New York: Cambridge University Press.
- Halberstadt, A. G., Cassidy, J., Stifter, C. A., Parke, R. D., & Fox, N. A. (1995). Self-expressiveness within the family context: Psychometric support for a new measure. *Psychological Assessment*, *7*, 93-103.
- Halberstadt, A. G., Crisp, V. W., & Eaton, K. L. (1999). Family expressiveness: A retrospective and new directions for research. In P. Philippot, R. S. Feldman, & E. J. Coats (Eds.), *The social context of nonverbal behaviour* (pp. 109-155). New York: Cambridge University Press.
- Halberstadt, A. G., Fox, N. A., & Jones, N. A. (1993). Do expressive mothers have expressive children? The role of socialization in children's affect expression. *Social Development*, *2*, 48-65.
- Halberstadt, A. G., Hoefft, S., & Tesh, M. (1990, March). *Self-and family expressiveness and emotionality correlates in friendship choices*. Poster presented at the Conference for Human Development, Richmond, VA.
- Katz, L. F., Wilson, B., & Gottman, M. J. (1999). Meta-emotion philosophy and family adjustment: making an emotional connection. In M. J. Cox, & J. Brooks-Gunn (Eds.), *Conflict and cohesion in families: Causes and consequences. The advances in family research series* (pp. 131-165). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- King, L. A., & Emmons, R. A. (1990). Conflict over emotional expression: Psychological and physical correlates. *Journal of Personality and Social Psychology*, *58*, 864-877.
- Linehan, M. M. (1993). *Skills training manual for treating borderline personality disorder*. New York: The Guilford Press.
- Lindahl, K. M. (1998). Family process variables and children's disruptive behavior problems. *Journal of Family Psychology*, *12*, 420-436.
- Lovibond, P., & Lovibond, S. (1995). The structure of negative emotional states: Comparison of the depression anxiety stress scales (DASS) with the Beck Depression and Anxiety Inventories. *Behaviour Research and Therapy*, *33*(3), 335-343. doi:10.1016/0005-7967(94)00075-U
- Ludemann, P. M., Amell, J., & Perry, T. B. (1994, April). *The measurement of emotional expressivity*. Poster presented at the Conference for Human Development, Pittsburgh, PA.
- Malatesta-Magai, C. (1991). Emotional socialization: Its role in personality and development psychopathology. In D. Cicchetti, & S. L. Toth (Eds.), *Internalizing and externalizing expressions of dysfunction. Rochester symposium on developmental psychopathology* (Vol. 2, pp.203-224). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

- Magai, C., & McFadden, S. H. (1995). *The role of emotion in social and personality development: History, theory and research*. New York: Plenum Press.
- Malatesta, C. Z., & Wilson, A. (1988). Emotion cognition interaction in personality development: A discrete emotions, functionalist analysis. *British Journal of Social Psychology, 27*, 91-112.
- Messer, S. C., & Gross, A. M. (1995). Childhood depression and family interaction: A naturalistic observational study. *Journal of Clinical Child Psychology, 24*, 77-88.
- Miller, P. (1989). The role of empathy in adolescents' perceptions of family functioning. *Unpublished manuscript*.
- Pais-Ribeiro, J., Honrado, A., & Leal, I. (2004). Contribuição para o estudo da adaptação portuguesa das escalas de Depressão Ansiedade Stress de Lovibond e Lovibond. *Psychologica, 36*, 235-246.
- Parker, G. (1983). *Parental Overprotection: A Risk Factor in Psychosocial Development*. New York: Grune and Stratton.
- Parker, G. (1989). The Parental Bonding Instrument: Psychometric properties reviewed. *Psychiatric developments, 4*, 317-335.
- Parker, G. (1990). The Parental Bonding Instrument: A decade of research. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology, 25*, 281-282. doi: 10.1007/BF00782881
- Parker, G., Tupling, H., & Brown, L.B. (1979). A parental bonding instrument. *British Journal of Medical Psychology, 52*, 1-10.
- Ramsden, S. R., & Hubbard, J. A. (2002). Family Expressiveness and Parental Emotion Coaching: Their role in Children's Emotion Regulation and Aggression. *Journal of Abnormal Child Psychology, 30* (6), 657-667.
- Richter, J., & Eisemann, M. (2000). Stability of memories of parental rearing among psychiatric inpatients. *Clinical Psychology and Psychotherapy, 7*, 256-261.
- Rosenthal, M. Z., Polusny, M. A., & Follette, V. M. (2006). Avoidance mediates the relationship between perceived criticism in the family of origin and psychological distress in adulthood. *Journal of Emotional Abuse, 6* (1), 87-102.
- Rutter, M., Dunn, J., Plomin, R., Simonoff, E., Pickles, A., Maughan, B., Ormel, J., Meyer, J., & Eaves, L. (1997). Integrating nature and nurture: Implications of person-environment correlations and interactions for developmental psychopathology. *Development and Psychopathology, 9*, 335-364.
- Scaramella, L. V., Conger, R. D., & Simons, R. L. (1999). Parental protective influences and gender-specific increases in adolescent internalizing and externalizing problems. *Journal of Research on Adolescence, 9*, 111-141. doi:10.1207/s15327795jra0902_1
- Smith, N., Lam, D., Bifulco, A., & Checkley, S. (2002). Childhood Experience of Care and Abuse Questionnaire (CECA:Q). Validation of a screening instrument for childhood adversity in clinical populations. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology, 37*, 572-579.
- Valiente, C., Eisenberg, N., Stephanie, A. S., Fabes, R. A., Cumberland, A. J., Losoya, S. H. & Spinrad, T. L. (2004). The relations of mothers' negative expressivity to children's experience and expression of negative emotion. *Journal of Applied Developmental Psychology, 25* (2), 215-235.
- Wenzlaff, R. M. & Eisenberg, A. R. (1998). Parental restrictiveness of negative emotions. Sowing the seeds of thought suppression. *Psychological Inquiry, 9*, 310-313.

Study of validation of the Portuguese version of Family Expressiveness Questionnaire

The Family Expressiveness Questionnaire (FEQ; Halberstadt, 1986) is designed to measure a family's overall expressive environment and it includes items not only related to nonverbal expressiveness but also to emotionally expressive content. The present study analyzes the psychometric properties of the Portuguese version in a large general population sample. Construct validity was analyzed using Principal Components Analysis procedures, and the results show the existence of two factors model. The results show that the scale as an accurate internal consistency and temporal stability. The construct validity have been studied through the analysis of the correlations with the psychopathology measures (in particular, anxiety, depression, and stress), as well as the family environment measures (specifically, parental bonding and experience of parental care and neglect). The FEQ is a useful and valid scale to assess family expressiveness in the Portuguese population.

KEY-WORDS: FEQ; Family Expressiveness; Psychopathology measures; Family environment measures; Validation; Psychometric properties.

L'étude de la validation de la version portugaise de le Questionnaire d'Expressivité Familial - QEF

Le Questionnaire d'Expressivité Familial (QEF ; *Family Expressiveness Questionnaire* – FEQ; Halberstadt, 1986) se propose d'évaluer l'ambiance expressive général de la famille et inclus des items en relation avec l'expressivité non-verbal et le contenu de l'expression émotionnel. La présente étude examine les propriétés psychométriques de la version portugaise sur un vaste échantillon de la population général. La validité de construction a été examinée face à des procédures de l'Analyse des Composants Principaux, ayant les résultats pris en charge une structure de deux facteurs. Les résultats démontrent que l'échelle a une bonne consistance interne et stabilité temporel. La validité conceptuelle a été étudié sur la base de l'analyse des corrélations avec les mesures de psychopathologie (en particulier l'anxiété, la dépression et le stresse, et l'affection négative et positive), ainsi que des mesures de contexte familial (spécifiquement, la liaison parental et les expériences de soins et négligence parental). Le QEF c'est un outil fiable et valide pour mesurer l'expressivité familiale de la population portugaise.

MOTS-CLÉS: FEQ; Expressivité Familial; Mesures de Psychopathologie; Mesures du Contexte Familial; Validation; Propriétés Psychométriques.